

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 640

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
LO SECULO

A VENDA do MOÍNHU

por VIRGÍNIA LOPES de MENDONÇA

O Tio Miguel moleiro, mais a neta, a pequena Aninhas, tão cedo órfã, santa vida haviam passado no velho moínho. O burrinho que ajudava à lida e várias ninhadas de coelhos, abrigavam-se também lá dentro, como fazendo parte da família.

Nos buracos da parede viviam lagartos e lagartixas.

Quando o moleiro assobiava certa modinha, punham logo as cabecitas de fóra, o que muito fazia rir a Aninhas.

Os pássaros e as brilhantes rãs da ribeira próxima, acompanhavam com os seus cantos a actividade do moínho.

Mas o bem nem sempre dura!

Assim, arruinado como estava, o moínho era o único bem do tio Miguel. Já sem força para trabalhar, o velhote deixara a miséria bater-lhe à porta e vira-se na necessidade de vender o moínho!

Agora, desde que as velas estavam paradas, até o próprio burro compartilhava o desgosto dos donos, vagueando de orelha murcha, ou zurrando, desesperadamente, como a despedir-

se da erva saborosa que tanto tempo saboreara.

Um inglês ricoço, dono duma propriedade nos arredores, foi quem arrematou o moínho.

Mandou entregar ao tio Miguel a importância da venda, condescendendo ainda uns dias para o moleiro, a neta e o burro abandonarem a casa.

Com esse dinheiro, ficaram pagas as dívidas e ainda sobraram umas notas que o pobre velho, muito acobrunhado, voltava e tornava a voltar, entre os dedos trémulos, só compreendendo uma coisa:

O moínho já não era dele!

Aninhas também quedára pensativa, como a figura da desolação.

Na relva, a sua boneca, comprada pelo seu avô numa feira, repousava, inconsciente da desgraça que caíra sobre a sua dona.

Ao pôr os olhos nela, a pequena teve uma idéa inspiradora: — Ainda estava em muito bom estado a sua Rosalinda, assim lhe chamava, — pois fóra sempre tratada com os maiores cuidados... Depois, lembrou-se da cruz e do anel da mãe que guardava reli-



giosamente e do pintassilgo que tão bem cantava na gaiola pendurada na janela do seu quarto

Quanto valeria tudo aquilo.?!...

— «Se tiver de abandonar o moínho, o avô, certamente, morrerá...» — pensou, num desespero.

Então, resoluta, apanhou do chão a boneca, foi buscar ao quarto a cruz e o anel e meteu-se a caminho.

A estrada era longe e o sol escaldava.

Depois de andar horas a fio, chegou, finalmente, ao portão da quinta do inglês.

Vinha êle a saír e logo estranhou a atitude da pobrezinha, com a boneca nos braços, o fato esfarrapado e a carinha muito triste e cansada.

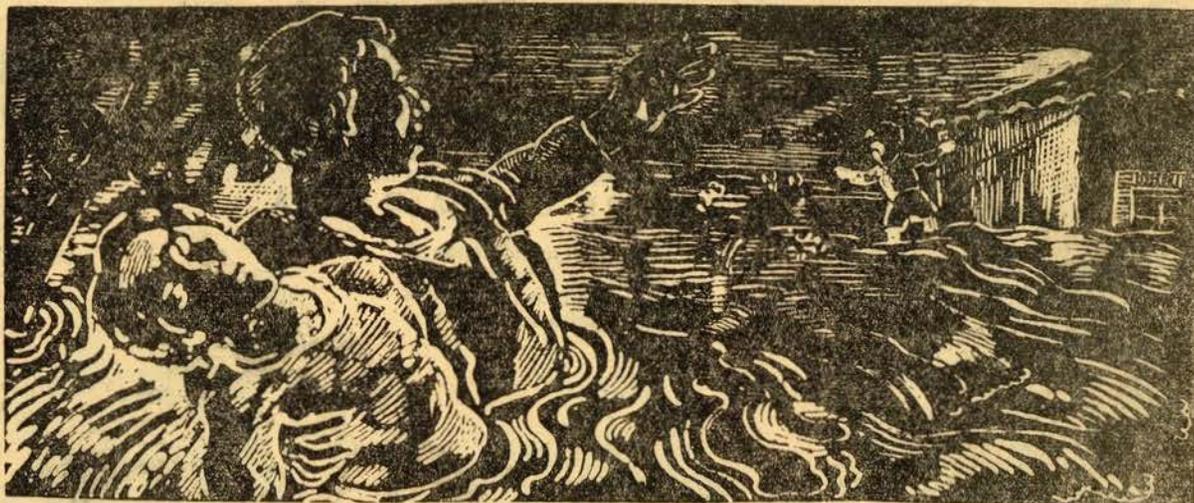
— «Que queres tu?» — perguntou-lhe, com bondade.

Animada, a Aninhas estendeu-lhe a boneca e os ouros, dizendo: — «É para tornar a comprar o moínho do avô.

Ainda tenho um pintassilgo. Posso-o trazer, também.»

Quando percebeu a intenção da pequena, o inglês sorriu docemente,





O homem e a mulher continuavam a gritar. O Trinca-espinhas não lhes podia valer, e sofria por assistir àquela dor que não era possível remediar. De repente, a mulher calou-se, deixou de gritar. Teria morrido? Só o homem bradava, de quando em quando. Então, o Trinca-espinhas disse:

— «Há, aqui, um telhado, podem recolher-se...»

A voz do homem respondeu:

«A minha mulher desmaiou, agarrei-me a uma árvore, mas não a posso largar porque ela vai-se com a força da corrente. Estamos dentro de água.»

O Trinca-espinhas respondeu:

— «Qual é a árvore?»

— «Uma figueira;» disse o homem

— «Aí posso eu chegar, (Disse o Trinca-espinhas). Espere um bocadinho que vou arranjar uma corda.»

Voltou ao celeiro e puxou os presuntos para fóra. Com o seu canivete, cortou as cordas que os prendiam. Depois, amarrou-se pela cintura e amarrou as traves da casa a outra ponta da corda. Assim amarrado, deitou-se à água. Naquele sítio havia um pomar, de forma que teve sempre árvores a que se agarrar, até encontrar a figueira onde o homem e a mulher se refugiaram.

Chegado lá, passou ao homem a ponta da corda, que trazia na cinta, e amarraram-na à árvore. Assim, tinham um amparo contra a fúria da corrente. O homem segurou a mulher ao ombro e, amparado na corda que lhe fornecera o herói de seis anos, transpôs o espaço inundado, com o pequeno na frente. Subiram ao telhado e aí viveram dois dias, sós entre as águas, até que um barco os recolheu. O Trinca-espinhas foi, desde então, muito feliz na companhia dos seus pais adoptivos — aqueles a quem salvara.

DUAS ALMAS... DOIS DESTINOS

por FRANCISCO VENTURA

Houve, uma vez, numa aldeia,
Duas meninas formosas,
Da mesma idade e tamanho
E as duas muito bondosas.

Uma era pobre, outra rica;
— Mistérios de quem nos reje!
Uma nem tinha sapatos,
A outra andava de seje.

Ora a rica, que dispunha
De carteira sempre cheia,
Porque o seu pai era o homem
Mais rico de toda a aldeia,

Dava esmolas avultadas
A todos que precisavam
E que, humildes e confiantes,
À sua porta chegavam.

Mandava lenha e vestidos,
Com um cuidado materno,
Aos que viam com terror
As negras noites de inverno.

Ordenava aos seus criados
Que fôssem, lestos, fazer
Bons jantares para aqueles
Que não tinham que comer.

Tinha médicos de fama
Dentro da aldeia alojados,
Para que nunca os doentes
Perecessem sem cuidados.

Era certo que, orgulhosa,
Não falava aos pobrezinhos,
Não lhes consolava as mágoas
Nem dispensava carinhos.

Mas dava tantos valores
Que nem se faz uma idéa.
Razão porque era querida
De toda a gente da aldeia.

E a pobre, que é que fazia?
O que havia de fazer!
Coitada, se ela não tinha,
Às vezes, nem que comer!

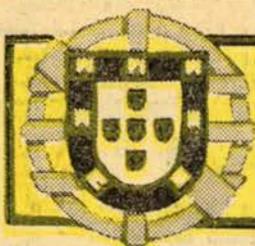


Se ela, sendo pequenina,
Já tinha que trabalhar!
Se não tinha pai nem mãe,
Como é que havia de dar?

Mas se não tinha dinheiro
A rodos, na sua mão,
Tinha uma coisa melhor:
Era o seu bom coração!

E com êle, unicamente,
Em milagres de ternura,

(Continua na pág. 6)



COSTUMES PORTUGUESES

MINHOTOS



Tónios, Maneis e Marias,
Gaita foles e Zé P'reiras...
Ei-los, garridos nas feiras,
Arraiais e romarias!...

Eles, levados da breca,
Sempre em doido desatino...
Calças à bôca de sino,
Chapeirão, faixa e jaleca.

Elas, de expressão magana,
Argolinhas nas orelhas.
Saías rodadas, vermelhas,
Corações de filigrana.

CORRESPONDENCIA

— MARIA ADELAIDE DE JESUS SANTOS. — Não gosto de ti, assim vingativa, Maria Adelaide. Vê se te emendas! Tu, que tens tão bom coração, que és tão esmolera, tão boa, não deves consentir, dentro de ti, esse feio defeito. Promete-me que te emendas. Fico preocupada a teu respeito.

— MARIA HELENA SIMÕES. — Li, agora, a tua carta e fiquei profundamente triste. A confissão que me fazes apoquentá-me muito, acredita! Tanto defeito, Maria Helena! Tanta maldade!

Não estudas; ralas a tua mãe, ao máximo; és muito indolente; és desmazelada e injusta para as tuas criadas! Reflecte na situação que vais criando na vida! Como podes tu ser alguém, se não estudas, se és indolente e desmazelada? E como podes criar amizades, se espalhas a antipatia em tua volta? Não, Maria Helena: tu hoje vais começar a ser outra menina. Tens andado por caminho errado mas, graças a Deus, ainda é tempo de fazer de ti uma menina boa, educada e consciante.

Acredita que não me saís do pensamento e que tenho a certeza absoluta de que hei-de modificar-te.

Maria Helena: conto com a tua palavra de menina portuguesa.
Vossa amiga

GRACIETTE

carpa, em busca da cabra e do cabrito, com seu surrão e cajado.

Ao ver o lobo prestes a atirar-se à Malhadinha, correu, também, ao encontro deles e, avançando heróicamente para a fera, arremessou-lhe à cabeça, com toda a força dos seus músculos de aço, a ponta nodosa do seu grosso cajado.

Morta a fera, a Malhadinha, lançando um olhar de gratidão ao pastor que a salvara, correu para junto do Cabritinho Estouvado e, à luz da lua, branquinha e redonda como um queijo da serra, voltaram todos três para o redil. Avalem, agora, os nossos pequeninos leitores ao que leva a desobediência e quanto vale o doce amor maternal.

CONCURSOS QUINZENAIS DE POESIAS E CONTOS INFANTIS

Das provas à 4.ª Quinzena destes concursos, organizados pelo nosso suplemento, foram apenas classificadas com menção honrosa as seguintes produções que publicaremos nos próximos números:

POESIA: — «Curiosidades» de Xico Dias, — «Resposta ajuizada», por Bitá, — «Ter instrução» por Oidimeotnlp.

CONTO: — «O ladrão de luva branca» por Dr. Binómio Sepúlveda, «Na casinha dos brinquedos» por M. C. e «Não fui eu!...» por Carlo.

ADVERTENCIA DO JURI: — Tendo por objetivo a iniciativa destes concursos,

COSTUMES PORTUGUESES

Pequeninos leitores:

Conhecer os trajos e costumes do nosso País, é um dever de todos os portugueses que prezam a Tradição e amam a sua Pátria.

O «Pim-Pam-Pum», no intuito de divulgar entre os seus pequeninos leitores a indumentária regional do País, vai começar a publicar, tôdas as semanas, desenhados duma maneira alegre e engraçada, isto é: — humoristicamente, — (pois é a forma de vocês os reterem com mais facilidade,) — os trajos de cada provincia. O «Pim-Pam-Pum» não ralhará áqueles que se não fixarem mas ficará contristado se tal acontecer.

Aprendam a conhecer, pois, queridos amiguinhos, os nossos costumes, que são os mais belos do mundo.

OS NOSSOS CONCURSOS

ENCONTRAI RIMAS E FIXAI CONCEITOS



Eu sou tudo e pouco sou,
Sou o que sou, bem a vês,
A todos sustendo d...
Calcam-me todos aos p...!

Amai a terra e a rabiça
Do velho arado, que um dia
Sobre a areia moved...
Fêz o pinhal de Lei...!

estimular as vocações incipientes, facilmente se depreende que apenas são admitidas produções inéditas, motivo porque não foi incluído na respectiva apreciação o conto: — «O tesouro da ilha selvagem» que nos foi enviado já impresso, em livro.

O GRÃOZINHO TRANSVIADO

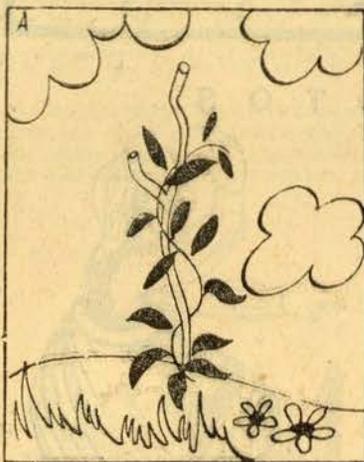
P O R L A U R A C H A V E S

Ao ensacarem o grão,
para ir para o mercado,
um deles caiu no chão
e ficou abandonado.

Era muito rechonchudo,
mas tinha a pele em ruguinhas,
junto do nariz bicudo,
fazia mesmo preguinhas.

Ao ver-se no chão, sôzinho,
— meu Deus o que êle sentiu! —
Mas quem se importa, grãozinho,
com aquele que caiu?

— Para que foi que nasci?
dizia em voz abafada,
— se agora estou para aqui...
Se não sirvo para nada? —



— Até me custa a dizê-lo,
se vem a Dona Humidade

nasce-me na testa um grelo
e não tenho utilidade! —

Nisto, um senhor pé passou,
que pisou o senhor grão
e muito fundo o enterrou,
sumindo-o dentro do chão.

Pobre grãozinho, coitado,
acabou-se, era uma vez! ...
Ficara morto e enterrado?
Isso imaginam vocês!

Pois nesse lugar, um dia,
surgiu um rebento verde...
Na terra tudo se cria,
na terra nada se perde.

F I M

DUAS ALMAS... DOIS DESTINOS *(Continuado da página 3)*

Nas casas de tôda a gente
Punha o reino da ventura.

A rica dava dinheiro,
Os vestidos, os jantares,
A lenha, o pão, os remédios...
Era a fartura dos lares.

E a pobre, que era mais pobre
Do que ninguém, certamente,
Dava os seus doces carinhos
E o seu riso a tôda a gente.

Não dava lenha nem pão
Nem remédios nem dinheiro

Porque não tinha florestas,
Nem atulhado o celeiro.

Mas visitava os enfermos
Inundando-os de alegria,
Levava ao colo as crianças,
Aos velhos lume acendia.

Cozinhava a êste a ceia,
Àquele ia buscar água
E ao outro, que tinha pranto,
Consolava a dura mágoa.

Não parava um só momento
Sua pequenina mão,

Em tôda a parte brilhava
Seu bondoso coração.

Tudo quanto a rica dava
Á farta, mas sem doçura,
Ela transformava logo
Em dilúvios de ventura.

Assim, a rica era qu'rida
Como nem se faz idéa,
Mas a pobre era adorada
Por toda a gente da aldeia.

Tinha a rica reverências,
Delicadas atenções,
E a pobre tinha um altar
Em todos os corações.

E' que o melhor nesta vida,
Podeis ter disso a certeza,
Não é dar muitas esmolas:
E' ter amor à pobreza.

F I M

A N E D O T A

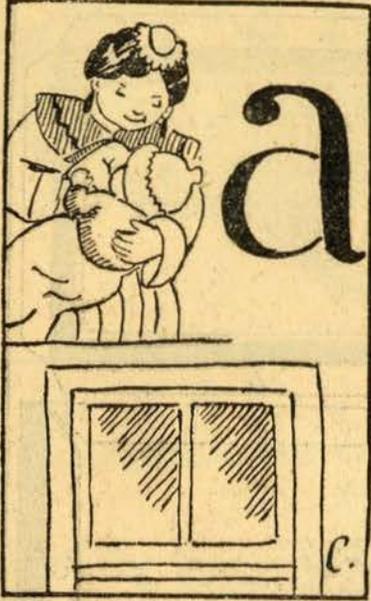
Um bom falante em plena sala:

— «Eu, minha senhora, até adivinho
o que uma pessoa com quem estou
falando, tem no pensamento!»

— «Ah! Então desculpe, mas creia
que não era por mal!...»

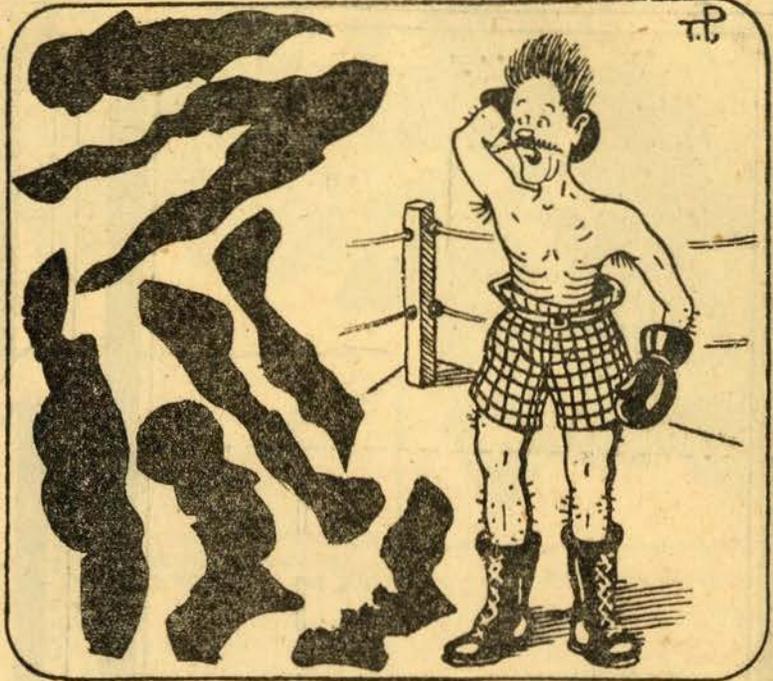


HORA DE RECREIO



ENIGMA PITORESCO

Meus meninos: — O enigma acima, contém uma frase patriótica, só com 3 palavras.



A nossa construção

INSTRUÇÕES

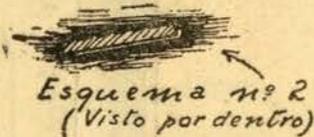
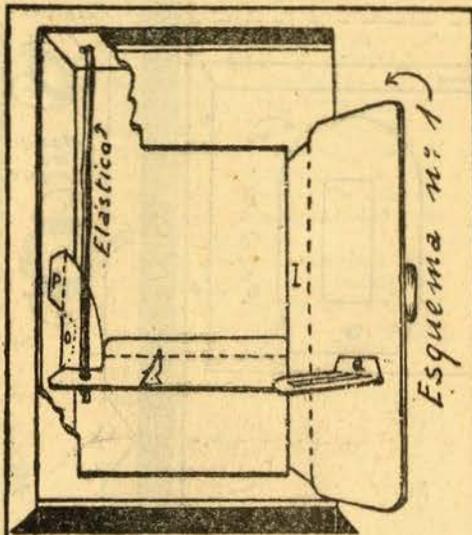
A construção de hoje, é dedicada àqueles dos nossos leitorzinhos que são económicos, previdentes e que gostam de ameihlar o seu pé de meias, para, nos dias de festa, adquirirem algum brinquedo ou poderem fazer uma acção bonita. Enfim, é um lindo cofre-moalheiro, mas invulgar, pois tem a particularidade de só se poder abrir depois de ter algum dinheiro dentro. Começemos pois: — Colem todas as peças em cartão forte, menos o puxador que é em cartolina. (Sigam as indicações de outras construções já publicadas. Abram as ranhuras da peça n.º 1, armem-na e colemlhe o fundo (Peça 2) e a parte superior (Peça 3), com cola muito forte, não sem primeiro abrirem nesta última o furo e a ranhura por onde se meterá o dinheiro. Os mais habilidosos poderão usar grude. Segurem, depois, a porta colando a patilha I no sítio marcado na peça 1. Quem quiser poderá suprimir esta patilha que, com o uso, vem a romper-se e pôr uma fita de nástro a servir de dobradiça. Colem, em seguida, a peça n.º 8 na parte de dentro da porta, no sítio marcado com a letra A.

Procedam da mesma forma com a peça n.º 7, que se cola dentro da peça 1, no sítio marcado. Coloquem a peça dentro do cofre, mas sem a colar, enfiando os três bicos nas três ranhuras do mesmo.

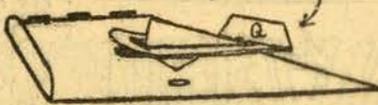
Farão de dobradiças. Liguem, depois os dois furos R R por um elástico muito fino, que fique um pouco esticado.

Reparem, agora, que, ao fechar-se a porta, a peça n.º 8 irá encaixar-se na n.º 6 de modo que ela não se poderá abrir. Só o peso do dinheiro, esticando o elástico e fazendo descer a peça n.º 5 a fará abrir de novo.

Frontinho. Está percebido?
Mãos à obra.



Esquema do fecho



Qual será o motivo do susto deste boxeur? Quereis saber? Nada mais fácil: Recortai, com cuidado, todos estes bocadinhos pretos e colai-os de modo a formar a figura que tanto medo mete a este trunca-espinhas.

CURIOSIDADES

O cavalo pode viver até vinte e cinco dias sem tomar alimento, não lhe faltando água; dezeseite dias sem comer nem beber e cinco dias, apenas, comendo mas sem beber.

ANEDOTA

— «Vem cá acima para eu te vestir outro bibe» — disse a mãe.

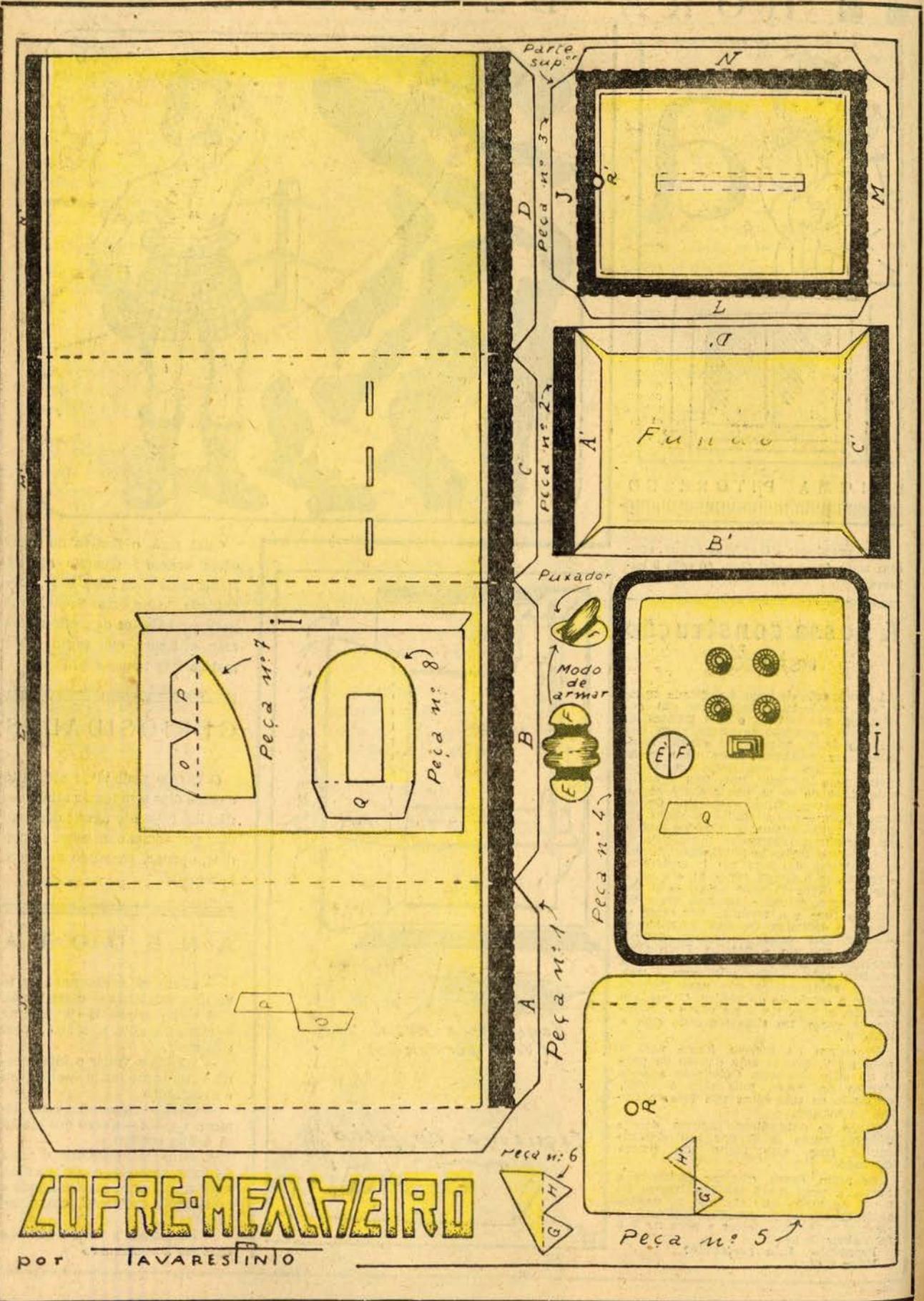
— «Não quero lá ir acima» — choramingou a Nini, com três anos.

— «Deixa-a vestir o bibe mesmo aqui, tanto faz!» — observou a avózinha.

— «Não — respondeu com firmeza a mãe: — quero que ela vá lá acima comigo.»

A Nini foi andando o mais devagar possível, e, voltando para a mãe uma cara zangada e lacrimosa, exclamou, entre soluços:

— «Ó mamã, porque é que não obedece à sua mãe?»



COFRE-MEU-WEIRO

por LAVARESINIO